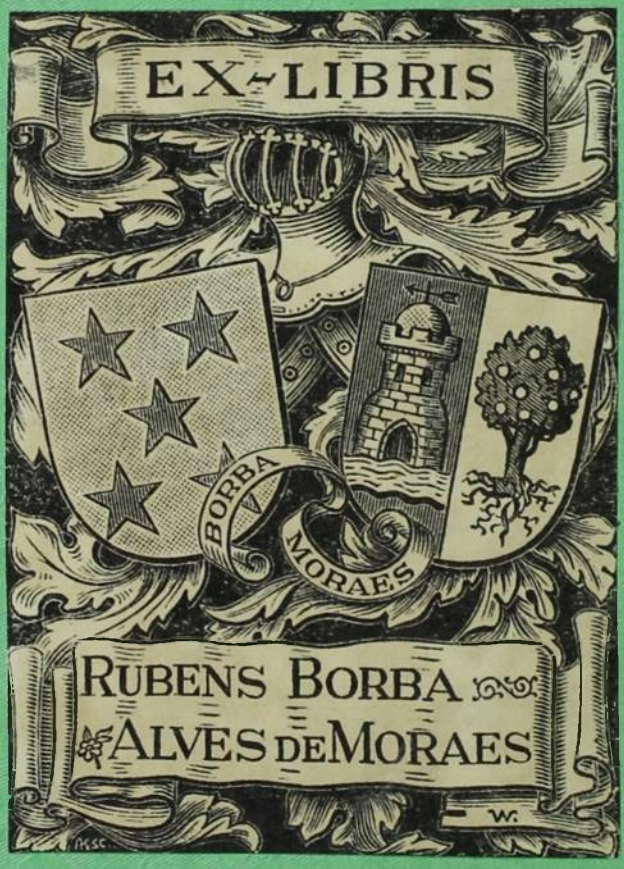
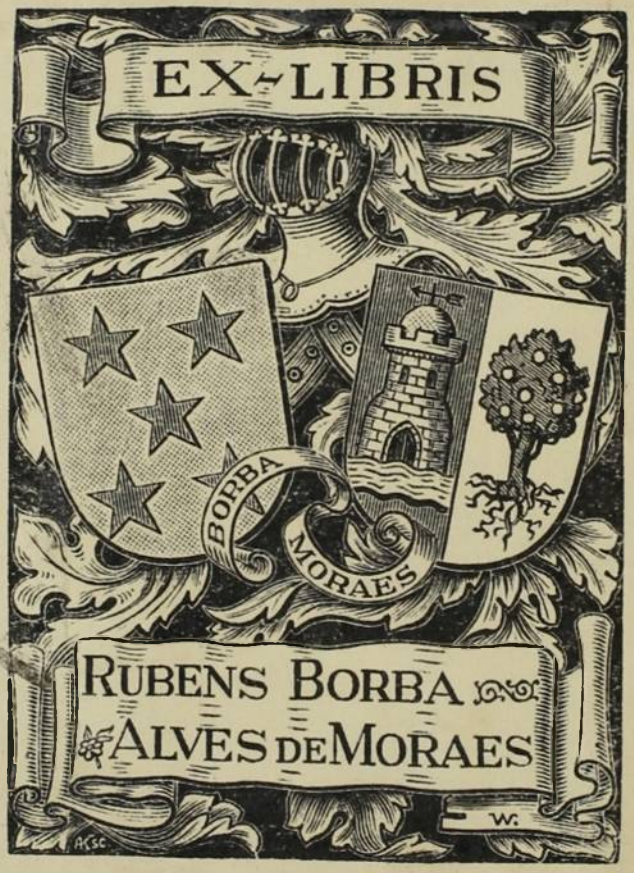

EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES


EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

MARIA

OU

A BELLA PAULISTA

COMEDIA

DO

DR. THEODORO J. H. LANGGAARD

A MUSICA ARRANJADA

POR

JOSÉ DE SANT'ANNA GOMES

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B

1863

A SEU AMIGO

O ILLM. SR. DR. FRANCISCO QUERINO DOS SANTOS

O. D. C.

como um signal da mais sincera amizade, e como um pequeno tributo ao talento superior

O AUTOR.

PRIMEIRA PARTE

AS PALPITAÇÕES DE MARIA

PROLOGO

A scena representa uma sala com entrada no fundo e com janella em um dos lados; é noite, e a sala acha-se illuminada.

MARIA *entra subitamente pela porta do fundo, corre para a janella e olha para a rua.*

Passou! que pena! eu estava certissima que este carro era o nosso. Paciencia! em todo o caso não póde tardar muito. (*Aproxima-se mais á boca do scenario*). Ah! como palpita o meu coração! mas é de prazer, de esperança! Vou hoje a um baile grande e esplendido! Só quem já o tem experimentado sabe o que isso quer dizer... Verdade é que eu nenhuma experiencia tenho ainda; e é talvez por esse motivo que tanto o meu coração palpita.

Tenho dansado muito na fazenda de meu pai; aos domingos o nosso mestre velho, em obzequio a mim e ás minhas amigas, tocava no nosso piano antidiluviano, cujas vozes mais se parecião com as de um pandeiro do que com as de um piano.... aqui em S. Paulo é que vim vêr piano; ah! estes sim são pianos! Mas, como ia dizendo, nós dansavamos com effeito na fazenda; mas que dansas! saltos, carreiras, escorregaduras, não se parecião com cousa alguma.

O nosso bom mestre só sabia tocar fandangos, minuettes, gavotas e que sei eu? musicas todas de que não ouço mais fallar; porém coitado! não sabia outras; mas assim mesmo servião, porque nós dansavamos por ellas toda a qualidade de dansas modernas, mazurcas, polkas, schottisches, quadrilhas e muitas outras que iamos aprendendo com os que de S. Paulo vinhão visitar-nos; mas o que é verdade é que nossas dansas não tinhão graça. Além disso não tinhamos com quem dansar, não havia homens, dansavamos só irmãs com amigas, insupportavel semsaboria, que nenhuma semelhança tem com um baile.

Agora sim, depois que minha boa tia me trouxe a esta cidade de S. Paulo, onde tenho de estar dous mezes inteirinhos, só e só com o fim de divertir-me; agora sim, tudo para mim são regosijos satisfactorios... Ah! já me tenho divertido muito! nunca me diverti tanto na minha vida! Hoje sim, que alegria, hoje vou pela primeira vez a um baile legitimo, perfeito, completo, onde tenho de dansar com musica propria, entre muitas dansas uma schottische com a musica do Tonico Gomes... eu não me lembro bem o seu nome... como se chama elle? escreveu a Noite do Castello... ah! já sei: Antonio Carlos Gomes... Este Tonico sabe fazer musica, que homem Nossa Senhora! Ai!, ai! como palpita o meu coração. (*Canta*):

N. 1.—Nada existe sobre a terra
Que se possa comparar
A uma schottische como esta,
Sublime, bella sem par!
Que musica ha neste mundo,
Suave, doce, vivaz
Como estas que o Antonio Gomes

A cada instante nos faz ?
Ninguem o vence por certo
E nem o póde igualar;
Com seu arco feiticeiro
Té faz as pedras dansar !

Uma noite, oh ! não me esqueço !
Fui á casa do barão,
Primeiro estive quieta
Fitando os olhos no chão;
Mas quando a orchestra desanda,
Qual gyrão Fadas no espaço,
Mechi-me inquieta na cadeira
C'o pé marcando o compasso!
« Socega » diz minha tia,
« Oh ! isso não posso eu ! »
« Não sejas louca menina ! »
« Minha tia eu vejo o céo ! »

Viesse a morte nessa hora
Roubar-me da vida a luz,
Inda assim sentira o encanto
Que Antonio Gomes produz !
Bem vejo a ira, titia,
Nos seus olhos reluzir;
Mas perdão que eu já não posso
Ás rabecas resistir!
Minha tia se nós formos
Lá juntas, dai-me razão!
Comigo mecher-se as tontas,
Máu grado seu, hão-de então.

Isto sim, é musica, e não aquellas lá na fazenda com que o coitado do velho meu mestre nos obzequiava. (*Rindo-se.*) Não posso deixar de rir-me quando me lembro daquellas modinhas antiquissimas e desenxabidas que cantava ! porque elle tambem canta. (*Serio.*) Agora devem saber que é aliás um bom velho, e que eu lhe quero muito bem de veras, mas era muito melancolico quando se sentava no piano e cantava com uma cara toda lacrimosa e desconsolada. (*Canta*)

N. 2.—Sobre um galho bem sentado.
Sim seladim bam ba seladu seladim,
Sobre um galho bem sentado
Estava um papagaio.

Veio um caçador bem feio,
Sim seladim bam ba seladu seladim,
Veio um caçador bem feio,
Com espingarda.

Matou o pobre papagaio,
Sim seladim bam ba seladu seladim
Matou o pobre papagaio
E morreu.

Vejão agora que canto! e quando nós lhe perguntavamos: « agora que mais senhor mestre? » respondia satisfeito e radioso: « Pois não tem mais nada, morto o papagaio acabou-se a historia. » (*Rindo-se.*)

Olhem, aquillo lá na fazenda é realmente muito monotono, muito triste... Já se sabe, eu quero muito bem á mamãi, a papai e a todos os meus irmãos, e até estou com bem saudades delles; mas divertimentos não ha muitos por lá, e eu entendo que algum divertimento é de vez em quando bem necessario... Como fiquei alegre e até quasi louca de contente, quando um bello dia minha tia me disse: « O que achas, Maria, não terás vontade de ir comigo a S. Paulo, estar lá alguns mezes, vestir-te de ricas e elegantes sedas e bonitos vestidos que eu te mandarei apromptar, frequentar bailes e theatros? temos hoje lá uma excellente companhia... » Não sei o que respondi, fiquei absorta, enleárão-se-me os sentidos com tão agradavel e inesperado convite; quasi que perdi o juizo; foi preciso beber agua fria, e mesmo assim me vierão

as minhas palpitações... é verdade que estas me atacão sempre quando tenho um grande prazer.

Acabou-se; não pude mais dormir por muitas noites, tal foi o effeito que em mim produzio uma felicidade com que não contava; quando chegava a conciliar o somno, sonhava sempre e invariavelmente com os prazeres que imaginava de encontrar na encantadora Paulicéa; tornei-me afinal impaciente.

Sempre que minha tia fallava em querer partir, dizia logo mamãi ou papai: « Ainda não, ainda não nos deve deixar, fique ao menos ainda por estes oito dias. » Ah! como nestas occasiões palpitava o meu pobre coração; mas ahi era de susto, de medo, que ella dissesse sim e annuisse ao convite. E com effeito conseguirão algumas vezes persuadi-la, com grande pezar meu, até que ella finalmente determinou seriamente a nossa viagem, dizendo-me um bello dia: « Amanhã, Maria, ás oito horas partimos sem falta para S. Paulo. » Amanhã? como hei de passar uma noite destas inteirinha? Ah! nunca me esquecerei aquella noite cruel! a cada momento sahia da cama para saber quantas horas faltavão para chegar ás oito. Eu não podia comprehender como os outros podião conservar-se deitados e estar dormindo muito a seu salvo como se nada tivesse acontecido. « Está dormindo, Nhanhã! » perguntei algumas vezes á minha mãi: « estou, menina! » respondia-me ella: « ficai quieta, andai, dormi ligeira, que tendes de fazer viagem. » O que minha mãi me ordenava era difficil de ser cumprido, não estava em mim obedecer-lhe. Finalmente terminou esta noite enfadonha; foi amanhecendo e o nosso respeitavel e grande relogio de

parede dignou-se de bater: um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito... (*Canta.*)

N. 3.—No céo a aurora rompia
E tudo já se movia
P'ra nossa viagem final
Já prompto todo ensilhado,
Afflicto estava amarrado
A porta o meu animal.
Meu pai bem serio scismando
Passeava; e o preto arranjando
As bestas andava então;
Minha mãi, pobre! chorava,
Mas todavia saltava
No meu seio o coração.

Oh! quanta, quanta doçura
Não sentimos se a ventura
N'um vago e terno scismar
Nos immerge a phantasia,
E corre a mente errada
De encanto e sonhos n'um mar?!
Que gosto, meu Deus, infindo!
Eu via tudo mais lindo,
Pois via S. Paulo então!
Embora a cada momento
Sentisse que violento
Me saltasse o coração.

Eu já vi os animaes
Marchando firmes, leaes,
Buscando o espaço vencer;
O espaço que inda medeia
Do caminho á Pauliceia
Onde emfim já ia ter!
Oh! quantas festas brilhantes!
Oh! que salões deslumbrantes!
Não ia vêr eu então?
Avante! meu seio, ávante!
Embora pula incessante
Com mais força o meu coração!

E é o que acontece; ávante, avante! estou afflicta, não posso esperar, logo começa o meu coração

a palpitar... Mas que fim levou este carro, meu Deos? (*Olha pela janella*). Que pena! ainda não é este, passou tambem. (*Torna outra vez a frente.*) E possivel imaginar-se cousa mais aborrecida do que estar assim a esperar? Em que hei de eu me entreter emquanto estou aqui de vigia á janella? Meu atavio está completo, e é impossivel aperfeiçoa-lo mais; é impossivel que alguem possa ser mais elegante que eu agora estou... È verdade, agora me lembro! podia entretanto occupar-me em recordar-me dos bons conselhos de minha tia, a respeito do modo que me devo portar no baile. Porém, isto é debalde, sei de antemão que não os posso seguir, para mim isto é liquido, e já o tenho dito á minha tia.

Hoje ella me chamou para seu quarto e dizia-me com todo serio... (*contemplando o vestido.*) Nossa Senhora! como são bellas estas flôres!... forão compradas em casa do Celestino! Como minha tia é boa e como ella me quer bem!... Mas, como ia dizendo; hoje minha tia me chamou ao seu quarto e me disse em um tom grave e serio: (*Canta*)

N. 4.—« Maria, escuta, no baile
Quieta deves estar,
E tua mente fogosa
Tu deves socegar. »
Minha tia, eu fico louca
Com estas palpitações;
No peito sinto um martello!
E na cabeça voicões!

« Maria, se um estudante
P'ra valsa te convida,
Recusa sempre polida,
Cansada dizendo estar. »

Oh! isso, tia não posso
Fazer-lhe por mil razões;
Pois tenho muitos receios
Das minhas palpitações.

« Escuta menina, vão me affligindo as tuas palpitações, tu estás doente do coração, palpita tanto! Vou mandar chamar o nosso doutor; é um excellente homem, e é o nosso medico ha mais de trinta annos; não tenhas medo delle, é habil professor e põe-te sãa em um instante, elle nos estima muito.»

« Nada minha tia; Deus me acuda, eu vim a S. Paulo para dansar e divertir-me. Estas palpitações nada querem dizer, batem de desassocego, de impaciencia, de esperança... (*põe a mão sobre o coração*), ai! como agora... » (*Corre para a janella*).

Mas que fim levou este carro, meu Deos?! é horrivel, é indesculpavel!... as horas não tardão. Um carro para um baile devia sempre estar prompto ao menos uma hora antes da que foi aprazada. (*Canta*)

N. 5.—Da minha dita eis a aurora,
Á noite ao baile eu vou emfim!
Meu seio treme e descora
E nenhum mal eu sinto em mim!
P'ra mim já tudo se apresta
Eis rosas, flôres, brilhantes!
Só falta chegar a festa!
Quão longos são os instantes!
Prazer divino e sem igual
Ao baile eu vou hoje afinal.

Já sinto a doce esperança;
Baixando a fronte hei de entrar;
Ao vêr-me o ruido descança
E todos hão de parar!
Com graça vou me sentando,
Nas flôres só hei de olhar.

« Que linda ! » dirão passando,
« Que airoso e nobre é seu ar ! »
Prazer divino e sem igual!
Ao baile eu vou hoje afinal!

Depois cad'um á porfia
P'ra dansa me irá tirar ;
Dos homens na tropelia
Que enganos não hei de armar !
Rompa a musica e na valsa
A mão me sinto apertar ;
Me segue a turba, mas falsa
A todos hei de enganar !
Prazer divino e sem igual
Ao baile eu vou hoje afinal !

(Na repetição do estribilho ouve-se bulha de carro, Maria dá um grito e diz: « lá está o carro » e sahe correndo pela porta do fundo, parando immediatamente a musica e cahe o panno.)

SEGUNDA PARTE

O NÃO OU OS AMORES DE MARIA

PERSONAGENS.

ANASTACIO, major reformado.

MARIA, sua sobrinha.

DR. LUIZ PEREIRA.

JOSÉ BERNARDES, official reformado, tabellião de Butucatú

A acção passa-se em S. Paulo em casa do major Anastacio.

MARIA

OU

A BELLA PAULISTA

A scena representa uma sala com porta no fundo, e uma de cada lado, proximo á boca do scenario, sendo a do lado esquerdo a do aposento do Dr. Luiz Pereira, e a do outro conduz para o interior da casa. No centro (do lado direito) ha uma janella que deita para a rua. Sobre uma das cadeiras acha-se estendido um chambre.

SCENA I.

O DR. LUIZ PEREIRA, *elegantemente vestido de casaca e calça preta, sahe pela esquerda.*

DOUTOR, *lançando as vistas pela sala.*

Não ha ninguem aqui; paciencia, esperarei. Vou bater palmas para ver se apparece alguem. Ah! se eu soubesse que o major já está na rua.... porém.... em todo caso, elle já deve estar prompto para sahir, pois vejo aqui o seu chambre; mas, por outro lado, acho isso quasi impossivel, porque se elle já tivesse sahido, ha que tempo D. Maria teria apparecido na sala. Emfim, seja como fôr, hoje hei de vê-la necessariamente; se ella não vier aqui, vou eu pedir licença para fallar-lhe, mas para isso convem tambem que o tio não esteja em casa. Em chegando digo-lhe logo: « Muito bons dias, Sra. D. Maria, eu desejava fallar com seu tio, o Sr. major Anasta-

cio. » « Bons dias, Sr. doutor, meu tio não está em casa, ha pouco sahio. » « Que pena! Sinto ter-lhe incommodado, mas neste caso voltarei depois. » « Incommodo nenhum; não posso eu dar o seu recado a meu tio? » « Pois não, minha senhora, queira ter a bondade de entregar estes dezeseis mil réis ao Sr. major (*tira algumas notas da carteira*); são o aluguel deste modesto aposento, que elle teve a bondade de ceder-me por algum tempo. » Ah! meu pobre Luiz, são os unicos cobres que possues!... Porém não fallemos nisso. Não é pouco tê-los, á vista do meu credito arruinado; hoje vence-se o mez, e como o nosso major é muito exacto nas suas contas, não quero desacreditar-me para com elle, e isto logo no primeiro mez. O commodo na verdade não é lá grande cousa, porém em compensação tenho a faculdade de receber alguma visita mais importante nesta sala; e o que é o melhor encontrar uma e outra vez a gaiata e encantadora Maria dos meus peccados. É celebre! sempre tem ella de fazer alguma cousa por aqui, logo que o tio sahe para a repartição. Em summa, eu não troco, á vista de condições tão seductoras, esta minha morada pelo palacio do presidente. Da parte do meu correspondente nada posso esperar, porque suspendeu-me as garantias, e isto é tudo quanto tenho por ora, sem saber mesmo d'onde me virá o mais que preciso; mas, que vá, estes pago eu com gosto, porque dão-me jus a uma entrevista com D. Maria. Amanhã chega o correio do centro, e de certo meu pai, commovido pela ultima carta que lhe escrevi, tão cheia de protestos da mais severa economia, e de outras cousinhas tocantes que arranjei, ha de ter cahido em si, e me remetterá novos auxilios. (*Batem palmas.*) Quem será? (*Alto*) entre.

SCENA II.

DR. LUIZ PEREIRA, E JOSÉ BERNARDES
vestido com uma casaca antiga e chapéo de Braga.

JOSÉ BENARDES, *na porta do fundo.*

Com sua licença. Não é aqui que mora um Sr. Dr. chamado.... o que vejo eu! dei certo no rasto.

DOUTOR.

Como? o meu velho amigo, o Sr. tenente José Bernardes, meu mestre de primeiras letras, por aqui?

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhor, e hoje tabellião do importante municipio de Butucatú.

DOUTOR.

Ah! é verdade, contárão-me isso; então que tal é o seu emprego, rende bem?

JOSÉ BERNARDES.

Isto é, render bem, não sei que lhe diga.

DOUTOR.

Mas emfim serve, não é tão ruim assim.

JOSÉ BERNARDES.

Ruim não, isso não, é assim entre a quarta e meia partida.

DOUTOR.

In medio consistit virtus.

JOSÉ BERNARDES.

Tem razão, tem muita razão em.... mas diga-me primeiro.... não se zanga que continue a tratar-lhe assim tão sem ceremonia como d'antes?

DOUTOR.

Ora, não falle nisso, meu caro. Pois não foi quem me ensinou o A B C e a cartilha?

JOSÉ BERNARDES.

Ah! sim, senhor, isso é verdade, porém depois desse tempo, já você está um homem tamanho, um doutor de capello, falla nos jurados, que deixa-nos todos de boca aberta; e de mais a mais, até faz versos tão bonitos!

DOUTOR.

Sim, é exacto, tudo isso me dá agora o direito de alistar-me no grande e luminoso exercito dos candidatos ás sinecuras. Em summa, habilitei-me para poder algum dia ganhar cobres, e pilhar por ahi algum emprego bom, apezar de que os nossos paternaes governos só cuidão dos meninos bonitos e dos afilhados.

JOSÉ BERNARDES.

Ora, você está gracejando! Você precisa lá de emprego publico, quem está para casar com uma prima rica; aquella viuva.... como se chama?.... ora, aquella que possue um par de centos de contos de réis.

DOUTOR.

Ah! sim, quer fallar de D. Clotilde, não? esse é o desejo de meu pai, porém é impossivel.

JOSÉ BERNARDES.

Então pelo que, doutor?

DOUTOR.

Ora, ella é tão velha! podia bem passar por minha tia! até custa-me chama-la de prima.

JOSÉ BERNARDES.

Ora, essa é boa; pois se está nisso a difficuldade, cessa tudo depois do casamento, porque então não precisas chama-la nem tia nem prima. Chama-a minha muito querida mulher, esposa, Eva, costella, meu bem, flôr, tutti quanti.... emfim, depois de casado, não lhe hão de faltar termos com que trata-la, e até agrada-lhe.

DOUTOR.

Deos me livre; isso era ainda mil vezes peior! Nada, meu caro velho, até vou fallar-lhe com toda franqueza. Meu pai é que quer por força que eu peça a tal prima, ou tia em casamento; e como não tenho outro remedio, obedecer-lhe-hei, e por isso de certo arranja-se o tal negocio, e talvez que hoje mesmo, e julgo que ella até já está sciente da minha chegada. Não vê como estou hoje tão chibante, tão preparado, mettido nas minhas vestes domingueiras?

JOSÉ BERNARDES.

É exacto; está mesmo um peixão! tal qual como sempre imaginei um noivo ou pretendente! E como lhe fica boa esta casaca, gente!

DOUTOR.

Mas o diabo é que para os desejos de meu pai,

estou vendo que levo taboa; porque sempre fiz sentir á tal minha prima a attracção repulsiva que ella me inspirava, e o que eu pensava a respeito da tal união. Meu pai quer que eu vá pedi-la em casamento; vou, por isso não seja a duvida; mas vou tranquillo, porque estou certo de levar um não redondo, e por isso chego com toda sem ceremonia e pergunto-lhe se está resolvida a querer casar comigo.

JOSÉ BERNARDES.

Mas para que isso; o que consegue com estas trapaças?

DOUTOR.

Ora, cumpro os desejos de meu pai, não me caso com a velha, e elle não póde mais negar-me os cobres, allegando desobediencia da minha parte.

JOSÉ BERNARDES.

E os duzentos contos?

DOUTOR.

Mando-os ao diabo.

JOSÉ BERNARDES.

Oh! não ha duvida! é mesmo uma idéa grandiosa, mandar duzentos contos de réis ao diabo!

DOUTOR.

Ora, não é tanto assim: olhe, a metade ha de ser sempre minha, essa tenho eu segura.... isto é, se ella morrer antes de mim; porque, segundo a verba do testamento do seu finado marido, cem contos me pertencem por morte della; e caso ella

venha a casar-se, ha de antes fazer-me entrega delles. Mas, ah ! infelizmente não tenho esperança alguma de que se realise nem uma nem outra cousa !.... só se Vm. quizer me tirar destes apuros ; vá fazer-lhe a côrte, procure geito de agradar-lhe e case com ella : não é ainda solteiro ?

JOSÉ BERNARDES.

Sim, sou.... não ha duvida ; porém creio que não posso.

DOUTOR.

Mas então porque ? Olhe, está mesmo uma mulher como lhe convém ; não é inteiramente moça, tanto melhor ; além disso é ainda uma mulher bem bonita, e o que é melhor, tem bem boas patacas ; veja que com cem contos de réis, vale bem a pena. Então. . . . . o que me diz ?

JOSÉ BERNARDES.

Isso tudo é mui certo, mas . . . . decididamente não posso.

DOUTOR.

Está bom, mudemos de conversa. Diga-me, pois, alguma cousa dos seus negocios ? Sempre chegou o dia de vir a S. Paulo ?

JOSÉ BERNARDES.

Finalmente, sempre ; cheguei agora neste instante e o meu primeiro cuidado foi saber da sua morada ; soube e corri para cá, e agora.... aposto que ha-de rir-se quando souber o que me trouxe cá.

DOUTOR.

Pois então me conta isso, estou curioso por saber o que é.

JOSÉ BERNARDES.

Ora vim.... vim para Vm. me amarrar a gravata.

DOUTOR.

Oh ! esta é original ! pois Vm. sahio de Butucatú e veio a S. Paulo só para eu amarrar-lhe a gravata ? mirabile dictu !

JOSÉ BERNARDES.

Não, nem tanto.... Escute cá.... mas não vá agora rir-se de mim : vim a S. Paulo para casar-me com uma menina, que tenho meio segura, e que, cá para nós, tambem tem as suas patacas.

DOUTOR.

Ah ! se o caso é esse ! agora comprehendo porque não queria casar-se com a minha viuva.

JOSÉ BERNARDES.

Com sua viuva ? ! não falle assim, é uma expressão meio não sei como, traz uns cheiros de defuntos.

DOUTOR.

Pois seja como quizer ; ou com minha tia ou minha prima, ou qualquer nome que mais lhe agrade.

JOSÉ BERNARDES.

Agora já vê, meu bom amigo e discipulo.... permitte que continue a tratar-lhe assim....

DOUTOR.

Nada de ceremonias, vamos ao caso.

JOSÉ BERNARDES.

Pois bem, agora já vê, que a primeira impressão que se faz ou produz no coração de uma moça timida, é sempre a principal, e dizem que nestas occasiões tudo depende ás vezes do modo por que se amarra a gravata.

DOUTOR.

Ah ! de veras ?

JOSÉ BERNARDES.

Ora ande lá, Você sabe destas cousas muito melhor do que eu ; não se faça agora de tolo comigo. Sempre ouvi dizer que Você era um dos leões de S. Paulo, um dos petit-maitres, dandys ou como Vocês chamão estes pelintras ; agora vejo com estes olhos que a terra ha de comer, que isto é verdade ; lembrei-me que a ninguem podia me dirigir melhor do que a Você, em attenção á nossa antiga amizade, para me prestar este pequeno serviço, arranjando-me a gravata á ultima moda, e segundo entender que mais possa impressionar um coração innocente.

DOUTOR.

Oh ! pois não ; pede tão pouco a quem tanto deseja obsequiar-lhe. Vou empregar toda a sciencia para servir-lhe a vontade. Sente-se, tenha bondade, e fique certo de que vai ser servido como um fidalgo.

(Põe uma cadeira no meio da sala, José Bernardes senta-se.)

JOSÉ BERNARDES.

Obrigado, muito obrigado meu bom amigo.

DOUTOR.

Mas olhe, é preciso tirar a casaca, assim não tenho geito.

JOSÉ BERNARDES, *levanta-se e tira a casaca.*

Oh! pois não, sim, Senhor, se dá licença....

DOUTOR.

Mas que diabo de gravata é esta! não está boa, não tem feitío; vou lhe emprestar uma outra mais christã. (*Corre para o seu quarto.*)

JOSÉ BERNARDES, *correndo atrás delle.*

Olhe, escolha Doutor, escolha a mais tesa que tiver; ha de ser a mais moderna, não?

DOUTOR, *volta com uma gravata branca.*

Esta sim deve fazer uma boa impressão, não acha?

JOSÉ BERNARDES.

Oh! muito! bravo, bravissimo! esta sim.

DOUTOR.

Pois tire agora esta gravata e sente-se.

JOSÉ BERNARDES.

Prompto, eis-me firme. (*Senta-se e tira a gravata emquanto o Doutor alisa a outra.*)

DOUTOR.

Meu amigo se approxime
Quero pôr-lhe esta gravata,

JOSÉ BERNARDES.

Oh Doutor, como é formosa,
E alva, qual alva prata.

DOUTOR.

Não se mova, que vou dar-lhe
Uma bonita laçada,
Para que fique vencida
Sua linda apaixonada.

JOSÉ BERNARDES.

Deveres, Doutor ? que bello.
Quanto lhe fico obrigado ;
Mas, ai ! ai ! assim me affoga,
Tenha nisso mais cuidado.

DOUTOR.

Póde agora levantar-se
E mirar-se neste espelho.

JOSÉ BERNARDES, *admirado.*

Ah meu Deos ! estou bonito,
Não pareço já um velho.

DOUTOR.

É verdade, assim vestido
Não ha quem lhe negue amor.

JOSÉ BERNARDES, *olhando com alegria.*

Que prazer, oh ! que delicia !
Quanto lhe adoro Doutor.

(Levanta-se)

Ora muito obrigado, meu caro amigo, eis aqui uma verdadeira obra de mestre, que Você acaba de fazer. Vou já enfiar a casaca e metter mãos á obra. (*Quer vestir a casaca.*)

DOUTOR.

Mas, venha cá ; pois Você ha de ir realmente com esta casaca pedir uma moça em casamento ? Ora, repare bem nella.

JOSÉ BERNARDES, *contemplando e segurando a casaca entre as mãos.*

E é verdade ! o seu exterior não está lá muito recommendavel.

DOUTOR.

E o seu interior então? Você ha-de ir com ella á s avessas ? ! Podia ser, mas olhe que haveria muito pouca harmonia entre a sua actual gravata e esta casaca.

JOSÉ BERNARDES.

Porém então o que fazer ? As minhas canastras ficárão atrás, só poderão chegar aqui muito tarde, talvez ámanhã.

DOUTOR.

Pois é mandar busca-las.

JOSÉ BERNARDES.

Sim isto seria o mais acertado, não ha duvida alguma ; mas é que a questão não é essa : a que eu trago lá (aliás casaca de côrte e muito respeitada em Butucatú) póde tambem vir ter em S. Paulo a mesma sorte que esta desventurada.

DOUTOR.

Neste caso o que havemos de fazer ?

JOSÉ BERNARDES.

O que ? uma cousa muito simples. É verdade que da minha parte é isso um atrevimento ou ao menos uma incivilidade. . . ., mas em consideração á nossa antiga amizade. . . .

DOUTOR.

Diga, diga em que lhe posso servir, meu caro, estou prompto a fazer o que fôr do seu gosto.

JOSÉ BERNARDES.

É o seguinte: você me empresta essa sua casaca moderna ; olhe, amigo, é negocio de meia hora. D'aqui a poucos minutos estou de volta e sua casaca despachada. E entretanto você me presta um relevante serviço.

DOUTOR.

Oh ! pois não ! se acha que tão pouca cousa de minha parte póde contribuir para sua futura felicidade. *(Tira a casaca e ajuda José Bernardes a vesti-la.)*

JOSÉ BERNARDES. *(Emquanto enfia a casaca.)*

Ora, você sempre é um bello moço ! sempre a mesma bondade e franqueza do tempo em que era meu discipulo ; apenas mudou hoje na maior porção de conhecimentos, bigodes e elegancia. Agora sim, estou mesmo na ordem, posso apresentar-me neste *recto* até a uma princeza. Portanto espere-me, volto já.

DOUTOR.

Escute : a sua futura mora muito longe d'aqui ?

JOSÉ BERNARDES.

Ora, para fallar verdade, eu tambem nem sei.

DOUTOR.

Pois talvez eu possa ajuda-lo, se me quizer dizer como se chama o pai.

JOSÉ BERNARDES.

Nada, perdão, meu caro. Bem vê que não seria muito delicado da minha parte, se lhe dissesse tudo, emquanto o negocio está pendente. Logo que esteja tudo decidido, fique certo de que você ha-de ser o primeiro a saber. Eu vou á rua de S. Bento saber do meu velho amigo Luiz onde é a morada da minha futura, e segui-lo em busca da minha felicidade. Portanto adeos, até logo ; mil graças por tanta bondade. (*Pega no seu chapéo.*)

DOUTOR.

Mas, espera, homem de Deos ! pois você, neste uniforme, quer sahir com semelhante chapéo ?

JOSÉ BERNARDES, *contemplando-o.*

È verdade ! O diabo do chapéo não está muito em harmonia com o resto do vestuario.

DOUTOR.

Pois é facil a questão. É recorrer ainda ao meu guarda-roupa. Estava mesmo decidido que eu havia de transforma-lo todo, empresto-lhe o chapéo tambem. (*Corre para o quarto e trás um chapéo fino.*)

JOSÉ BERNARDES.

Excellente moço! excellente moço!

DOUTOR.

Ora eis ahi o chapéo.

JOSÉ BERNARDES.

Muito bem; fica o meu aqui de penhor, pois já volto. (*Põe o chapéo do doutor na cabeça.*) E esta! que pena! não me serve, affogo-me com elle! Tambem era mesmo atrevimento de mais de minha parte querer que a minha cabeça occupasse o chapéo de um homem de tamanho talento!

DOUTOR.

Mas então o que se ha-de fazer agora? O melhor é você de passagem comprar um que lhe sirva.

JOSÉ BERNARDES.

E quanto custa um chapéo destes?

DOUTOR.

Eu dei por este 16$000 rs. em casa do Celestino, rua do Rosario N.° 27.

JOSÉ BERNARDES.

Muito bem; Celestino, rua do Rosario N.° 27; não me hei de esquecer. Mas.... agora que me lembro! são difficuldades sobre difficuldades: sabe o que acontece? deixei a minha carteira nas canastras e só tenho comigo um restinho de cobres! Realmente estou com medo de me tornar importuno. Você não me poderá?.... Olhe é só por meia hora....

DOUTOR.

. . . . . Emprestar-lhe 16$000 rs., pois não, com todo o prazer.

(Tira o dinheiro da algibeira e o dá a José Bernardes.)

JOSÉ BERNARDES, *contando o dinheiro.*

Ora, deveras! Quem quizer ser bem servido ha de vir para sua casa; aqui se acha tudo. Agora o que é certo, é que isto muito o acredita, não só porque mostra o desejo de servir um amigo, como tambem mostra que póde fazê-lo; vê-se logo o bom arranjo que tem nos seus negocios; porque um moço que tem sempre 16$000 rs. guardados para as despezas inesperadas ou eventuaes, prova que é um bom financeiro. Fique certo de que eu hei de fazer sciente disso ao seu pai, logo que nos encontrarmos; e acredite que elle ha de mudar de opinião a seu respeito.

DOUTOR.

Pois sim, não se esqueça; olhe é favor muito especial; é o melhor modo de recompensar-me isso que chama meus serviços; vá, seja feliz e não se esqueça do que acaba de prometter-me.

JOSÉ BERNARDES,

Ah, fique descançado. Mas, adeos, espero estar de volta em breve.

DOUTOR.

Adeos, seja muito feliz, é o que desejo.

JOSÉ BERNARDES.

Obrigado, obrigadissimo.

(Sahe.)

DOUTOR.

Póde sahir por esta porta.

(Leva José Bernardes para a boca da scena).

JOSÉ BERNARDES, *pára e olha para a platéa.*

Tem muita gente, vou antes sahir pela porta por onde entrei. Até já, meu amigo.

SCENA III.

DOUTOR, *só.*

Ora, eis-me aqui muito bem arranjado! Só tinha uma casaca, porque dei todas as velhas, e esta filha unica acaba de levar-me o meu amigo José Bernardes! E a respeito de cobres! Olhem que estou mesmo em quarto minguante! Foi-se todo o dinheiro do aluguel da casa. Ora, mas isso tambem que importa! daqui a uma hora estou embolçado, pago a casa e no entanto passo por generoso, economico, etc., etc.

(Ouve-se cantarollar Maria no quarto vizinho).

Oh! lá está Maria! talvez aqui?; mas como ha de ser! eu não posso apparecer-lhe em mangas de camisa.... (*Olhando para a casaca de José Bernardes*) ah! vejamos se isto nos póde servir (*tenta vesti-la*) ora, qual, assim fico mais ridiculo!... E que desordem pela sala! o melhor é tratarmos de pôr tudo em ordem.

(Põe a cadeira no seu lugar, pega na casaca, gravata e chapéo de José Bernardes, no espelho, etc., e corre com tudo para o seu quarto).

SCENA IV.

MARIA, *entra* : Dr. LUIZ PEREIRA *conserva-se na porta meia aberta, olhando para a sala.*

MARIA, *sem ver o Doutor.*

Ainda não está aqui, vou cantar mais alto (*canta, olhando para a porta do Doutor*). Oh! mas lá está elle; o que estará fazendo alli?

DOUTOR.

Bons dias, Ex^ma Sra. D. Maria. Como passou a noite?

MARIA, *voltando-se para elle.*

Ah! o Sr. Dr. está ahi? Bons dias! Porque está assim parado na porta? ainda não está visivel?

DOUTOR, *meio occulto.*

Ah! não, minha senhora, infelizmente ainda não! não posso apresentar-me diante da senhora! Sabe o que me acontece? Imagine lá o meu caiporismo!... perdi a chave do armario e estou com todas as minhas casacas presas lá.

MARIA.

Oh! isto não é nada; mando já buscar um marceneiro, e elle lhe soltará as presas.

DOUTOR, *apressado.*

Oh! não, D. Maria, peço-lhe que não se incommode, não vale a pena; e de mais acredito que hei-de achar a chave. Olhe, o que mais sinto, é estar perto da senhora e não poder sahir do quarto.

MARIA.

Pois isto tambem é facil; vista o chambre do meu tio. (*Dá-lhe-o pela porta.*)

DOUTOR.

Oh! que lembrança feliz! (*Veste o chambre e apparece em scena.*)

MARIA, *rindo-se.*

Está mesmo com um ar respeitoso.

DOUTOR.

Qualquer tomará este ar, sendo objecto de sua bondade e interesse.

MARIA.

E como sabe o senhor que lhe mostro esta bondade e interesse?

DOUTOR.

A prova está neste chambre.

MARIA.

Quem sabe....

DOUTOR.

Como, quem sabe? Pois não está aqui toda a certeza?

MARIA.

Pobre do meu tio! Ah! elle não soube o que fez álugando-lhe esta casa. O Senhor é um inquilino muito perigoso.

DOUTOR

Perigoso eu ? mas para quem ?

Neste caso soube eu melhor o que fiz alugando-a. Ah ! minha senhora ! ha certos acontecimentos, certas coincidencias que nos levão muitas vezes a acreditar nos milagres do pequeno Deos vendado. (*Canta*):

Eu vi-te, virgem, n'um jardim á tarde
Com as mãos mimosas decepando as flôres
E tu sorrias, contemplando as nuvens,
Que o sol tingia de purpureas côres;
Segui teus passos a beijar com medo
A flôr, o arbusto, que tocar-te vi,
E tu volveste para mim teus olhos
E o céo propicio collocou-me aqui.

MARIA.

Eu bem te via, caminhar tremendo,
Beijando as flôres que ao passar quebrei,
E tu nem sabes quanta inveja eu tinha
Dessas flôrinhas que no chão deixei.
Então fugiste, distrahido olhando
Aerea nuvem que no céo fluctua
E Deos só sabe quanta vez em pranto
Verti sentida por saudades tuas.

DOUTOR.

Hoje vivemos sob o mesmo tecto,
No doce encanto do primeiro amor,
E já em minha alma despontou mimosa
Serena e bella da esperança a flôr.

OS DOUS.

Hoje queimamos o mais puro incenso
Nas aras santas do primeiro amor
Os labios tremulos já dizer não podem
O que demonstra o celestial rubor.

DOUTOR.

É assim é, espero mesmo que este Deos vendado ha de acabar por conduzir-nos a um resultado feliz.

MARIA.

Entretanto tenha cuidado ; convem não se fiar muito nesses milagres, nem cantar victoria antes de tempo.

Fique sabendo que meu tio ha pouco me participou que por estes dias apresenta-se aqui um pretendente á minha mão ; ordenou-me que o recebesse, e o que é ainda peior, recebesse-o muito bem, porque nisto procedia de conformidade com os desejos de meus paes.

DOUTOR.

Meu Deos! oh! o que ouço ! ? quem é esse pretendente ? como se chama ? quando vem ? é moço ? é bonito ? é velho ? onde mora ? o que é elle na ordem das cousas ? Anda, falla, falla de pressa ? falla pelo amor de Deos ; quero hir procura-lo, e arrancar-lhe a alma e fazê-lo em pedaços.

MARIA.

Deos nos acuda, pois quer arrancar a alma ao meu pretendente ?

DOUTOR.

Nada de gracejar, Sra. D. Maria ; a noticia que acaba de dar-me é para mim da maior gravidade. Tenha a bondade de responder ás minhas perguntas.

MARIA.

Para lhe fallar a verdade, não sei como responder-lhe. Ah! já me lembro, não é moço, isto foi que meu tio me disse; amavel, ha de ser naturalmente, como são todos os pretendentes; agora quanto ao mais estou tão ignorante como o senhor.

DOUTOR.

Como! pois não sabe o seu nome, nem quem é?

MARIA.

Nada, inteiramente nada; é tudo isto uma sorpreza de meu tio. Sei sómente que é um antigo amigo da familia, tem alguma fortuna e um bom emprego.

Por aqui já se vê, que estas ultimas considerações tem muita força para decidir a questão; e como eu, feliz ou infelizmente tenho tambem alguma fortuna, um casamento com uma pessoa igualmente abastada é uma verdadeira alliança, na opinião da minha familia.

DOUTOR.

Ah! sempre estas miseraveis considerações de dinheiro!

MARIA.

Isso é exacto, mas o que fazer?

DOUTOR.

Mas, se a senhora me dá razão; se acha que é uma injustiça, espero ao menos que se determinará a despachar esse impertinente *quidam*... com um redondo não.

MARIA.

Se eu puder seguir só os desejos do meu coração, acredite que hei de responder-lhe unicamente não.

DOUTOR.

Pois nesse caso faça com que os seus labios só pronunciem a linguagem do coração.

MARIA.

É o que pretendo fazer; mas, para não me expôr aos arrufos de meu tio, é necessario portar-me com prudencia, apezar de que nenhum medo tenho delle, pelo contrario, acho-o tão engraçado quando quer fazer o papel de zangado; coitado! desde que minha tia morreu tomou-me elle uma amizade tão terna que quer adivinhar os meus pensamentos, mas assentou lá com os seus botões que convem ficar bravo de vez em quando para eu não lhe perder o respeito de todo. Mas, comtudo, não posso ir, sem mais nada, despachando o homem com um *não* secco, como o senhor quer; acho conveniente deixa-lo por ora em duvida; dar-lhe uma resposta evasiva; emfim, ganhar tempo.

DOUTOR.

Por modo algum; o que lucramos com isso? Segue o meu conselho, que é o melhor: logo á primeira entrevista a senhora dá-lhe um *não* redondo; é resposta decisiva. Deste modo desfaz-se o nó em principio, e elles ficão sabendo para quanto prestamos.

MARIA.

Ah ! mas isto depende ainda da marcha da conversação ; quem nos assegura que elle virá logo, e logo, fallando em casamentos ?

DOUTOR.

Ora, seguramente, pois é por onde começão sempre. Olhe, em todo caso, o melhor é ir respondendo *não* a tudo, seja o que fôr que elle lhe disser. Deste modo lucramos, além do mais, o ir elle se acostumando a ouvir a palavra fatal.

MARIA.

Realmente não deixa de ser um tanto curiosa a sua exigencia ! Se elle disser, por exemplo, que faz um bello dia, hei de responder-lhe que não ?

DOUTOR.

Que duvida ! olhe, ainda que elle diga que a senhora é muito bonita, entendo que deve responder-lhe *não ;* mostra com isso que nem ao menos deseja agradar-lhe.

MARIA.

Ah ! isso sim; mas eu fallei do tempo....

DOUTOR.

Ora, o que tem dizer que o tempo é máo ?

MARIA.

Mas isso quando nós estamos tendo os mais bellos dias ! Quando não se vê uma unica nuvem nos céos ?!

DOUTOR.

Que importa! Elle com isso fica sabendo que a senhora tem tendencia de ir-lhe sempre de encontro; que discorda delle em tudo; que, emfim, não quer decididamente harmonisar-se com elle.

MARIA.

Mas, doutor, isto tambem é imprudencia sua! Pois supponha-se que elle me diga: Exma. Sra. D. Maria, eu me chamo Pedro, Paulo, Sancho, etc.: não acha bem exquesito que eu lhe diga não?! Elle ha de ficar admirado vendo que o seu nome, é cousa que elle deve saber melhor do que eu!

DOUTOR.

Ainda assim mesmo póde responder-lhe não.

MARIA.

Mas, como?

DOUTOR.

Porque se elle tiver juizo, ou algum tino, logo comprehende que a senhora nem ao menos se importa de saber-lhe o nome; que quer ignorar tudo que lhe diz respeito, até o proprio nome.... Com effeito, pois, Sra. D. Maria está rindo-se?...

MARIA.

Não posso deixar de rir-me, vendo quantas significações dá o Sr. doutor á palavra *não*.

DOUTOR.

Pois olhe, eu estou muito longe de rir-me; para mim é um negocio da mais alta importancia....

MARIA, *continuando a rir-se.*

Mas, como posso eu estar séria, ouvindo taes lições?

DOUTOR.

Pois eu juro-lhe por tudo quanto ha de mais sagrado, que é com toda a seriedade que lhe imploro, despache o tal pretendente com milhares de *não*, e nem o deixe ouvir outra palavra da sua boca. Entrando, por exemplo, elle em alguma palestra, começa a senhora a dar-lhe corda e a responder-lhe com palavras equivocas e evasivas; ora, daqui nasce o perigo de deixar-se illudir, acompanhar a discussão, e portanto, ver-se depois em apuros, que nem sabemos aonde irá parar; emquanto que a palavra *não* serve para tudo: e, além disso, tem a immensa vantagem de ser clara, precisa e muito comprehensivel. Portanto.... Mas, pelo amor de Deos, Sra. D. Maria, o seu riso me leva ao desespero! Promette-me, promette-me por piedade....

Batem palmas na porta do fundo.

Santa Barbara! Será elle já!?

MARIA.

Não sei; seja quem fôr, eu me sumo.

Corre para o seu quarto.

DOUTOR.

Quem é? entre.

SCENA V.

JOSÉ BERNARDES *entra com a mesma vestimenta com que sahio, trazendo um chapéo novo.*

DOUTOR.

Já de volta? Isto andou mais depressa do que era de esperar.

JOSÉ BERNARDES.

O que tem você, Luiz? acho-lhe um tanto embezerrado; aconteceu-lhe alguma cousa?

DOUTOR.

Não, senhor, nada. Porém conte-me como arranjou-se. Está tudo concluido?

JOSÉ BERNARDES.

Não, meu amigo; por ora nada fiz senão comprar o chapéo; veja se é de boa qualidade?

DOUTOR.

Diga-me, ainda não conversou com a sua futura?

JOSÉ BERNARDES.

Não, senhor! Mas quer saber o que me aconteceu? Indo eu á casa do meu amigo saber da sua morada, contou-me que era esta.

DOUTOR.

Como! o que está dizendo? aqui em casa?!

JOSÉ BERNARDES.

Justamente. Porém não estranho que você se admire tanto, porque não deixa de ter sua graça o eu sahir á rua em procura do lugar onde já estive.

DOUTOR.

Mas, homem de Deos, falle, explique-se ? !

JOSÉ BERNARDES.

De vagar, não se perdeu por ora nada. Não vê, meu amigo.... mas, emfim, vou-lhe contar tudo, não ha mais necessidade de guardar segredo, principalmente para com você.... O major Anastacio, em cuja casa está assistindo, um amigo meu desde a minha mocidade, escreveu-me que tem uma sobrinha.

DOUTOR.

D. Maria ? !

JOSÉ BERNARDES.

Exactamente, Maria mesmo ! Pelo que vejo você a conhece. Mas, vamos ao caso: o tal meu amigo major escreveu-me que tinha uma sobrinha, a Sra. D. Maria da Gloria, com quem desejava que me casasse. Ella tem alguma fortuna e eu tambem possuo algumas patacas, além do rendimento do meu emprego. De mais a mais, consta-me que é moça bem bonita; emfim é o que se chama um pão com pedaço. Porém é verdade, aqui estou ensinando o *Padre Nosso* ao vigario, a este respeito ninguem podêr-me-ha dar melhores informações do que você. Diga-me, que tal a acha ?

DOUTOR.

Eu lá sei disso! São cousas que dependem do gosto de cada um.

JOSÉ BERNARDES.

É verdade, não é possivel enchergar com olhos alheios: eu mesmo devo ser juiz na causa. Mas, perdão, meu amigo, visto já me ter sido tão util, e ter-me favorecido nesse meu arranjo, queria lhe pedir mais um favor, que não m'o negará, porque emfim quem faz um cesto faz um cento, não é assim?

DOUTOR, *á parte*.

Com todos os diabos, o que mais quererá este lôrpa?

JOSÉ BERNARDES.

Vê, meu amigo. Soube que o Sr. major não estava em casa, e como já me acho decentemente vestido e preparado....

DOUTOR, *á parte*.

Não ha duvida, é á minha custa!

JOSÉ BERNARDES.

E como lhe prometti entregar-lhe a casaca sem maior demora....

DOUTOR.

Sim, senhor, é bem necessario: porque o senhor sabe que eu tambem tenho os meus arranjos de casamento. (*Só.*) Convem que eu leve quanto antes taboa, afim de ter este obstaculo de menos.

JOSÉ BERNARDES.

Não ha duvida, muito bem. Em consideração a tudo isto, sou de opinião de malhar o ferro em quanto quente. Como você deve estar muito familiarisado nesta casa, espero que faça com que eu possa fallar com a minha futura.

DOUTOR.

O quê disse, o senhor quer que eu....

JOSÉ BERNARDES.

Oh! meu Deos, porque se zanga tanto? ! Não sei em que isto lhe possa offender, pois é uma cousa muito honesta em que lhe desejo fallar.

DOUTOR.

Tem razão, o mais prudente é ceder.

JOSÉ BERNARDES.

Pois sim, não é verdade?

DOUTOR.

Ella está aqui, vou chama-la e dizer-lhe que aqui está um sujeito que deseja fallar-lhe.

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhor, excellente!

DOUTOR, *batendo na porta esquerda.*

Sra. D. Maria.

MARIA, *de dentro.*

Quem é, quem bate?

DOUTOR.

Aqui está uma pessoa que lhe deseja fallar.

SCENA VI.

OS MESMOS E MARIA.

MARIA, *admirada.*

Uma pessoa de fóra?

DOUTOR, *só para Maria.*

É o pretendente.

MARIA, *só para o Doutor.*

Não é possivel.

DOUTOR.

È como lhe digo. Agora, pelo amor de Deos, faça o que lhe pedi; do meu aposento posso ouvir cada palavra, e eu lhe lhe juro, Sra. D. Maria, caso não cumpra o meu desejo, eu....

MARIA.

O que então?

DOUTOR.

.... Passo uma bala pelos miolos. (*Corre para o seu quarto, mas deixa a porta entre-aberta escutando a conversação.*)

MARIA.

O que será isto, meu Deos? ! Já se foi.... Porém elle conserva a porta aberta; lá está escutando;

o que hei de fazer ? Tornar-se-ha uma conversação bem engraçada.

JOSÉ BERNARDES, *á parte contemplando a Maria.*

É uma menina elegante ; aqui torce a porca o rabo ; animo, José Bernardes.

MARIA, *á parte, contemplando José Bernardes.*

Nossa Senhora ! que figura ratona ! (*Solta uma risada.*)

JOSÉ BERNARDES.

Minha Senhora, respeitabilissima ! De certo já sabe quem eu sou ?

MARIA, *á parte.*

Agora posso conscienciosamente satisfazer o desejo do Doutor. (*Alto*) Não, Senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Sem duvida, deve estar sciente ? . . . O Sr. Major, o Sr. seu tio ha de lhe ter fallado de um certo negocio... sobre uma certa pessoa.... que quer tomar a liberdade.... quero dizer, quer fazer á Senhora D. Maria os seus comprimentos.

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Será possivel que nada lhe dissesse ?

MARIA.

Não.

JOSÉ BERNARDES.

Me admira muito. Elle me escreveu que a Senhora D. Maria estava antecipadamente intelligenciada da minha pretenção, não comprehende ?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Isto comprehendo eu ! neste caso naturalmente não lhe disse o meu nome, qual a minha posição social ?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Ah ! minha senhora ! vejo agora que estou aqui fazendo uma figura.... não sei que lhe diga. Os preliminares faltárão, portanto sou obrigado a começar tudo desde o principio, tal qual como principião pela creação do mundo os que escrevem a historia. Vm. ri-se ? pois é assim mesmo, e será, portanto, necessario tornar-me um tanto extenso, e temo que com a minha prolixidade torne-me enfadonho.

MARIA, *asseverando.*

Não, Senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Deos lhe dê o céo, minha Senhora ; esta sua resposta me dá animo, portanio saiba que meu nome é, sem basofia alguma, José Bernardes.

MARIA, *gracejando.*

Não ?

JOSÉ BERNARDES.

Isto assevero-lhe eu ; e o que diz respeito à minha posição social, sou tenente de artilharia reformado e hoje tabellião.

MARIA, *com admiração.*

Não !

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhora, não resta duvida, sou escrivão e tabellião do importante e florescente municipio de Botucatú. A senhora sabe sem duvida onde fica Botucatú ?

MARIA, *pensativa como quem está se recordando.*

Não, Senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Ora esta ; pois fica para diante de Sorocaba, Itapetininga, no sul da provincia. A villa não é muito grande, porém contém differentes familias importantes e ricas, que me honrão com a sua estima ; além disso não me posso queixar do meu credito.

MARIA, *como quem pergunta.*

Não ?

JOSÉ BERNARDES.

Verdade é que a posição de um escrivão não é lá muito elevada.

MARIA, *suspirando.*

Não, senhor !

JOSÉ BERNARDES.

Porém, felizmente, não é só da grandeza e do luxo que as cousas dependem neste mundo.

MARIA, *confirmando.*

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

E o que diz a respeito do meu emprego ? Tem este a vantagem de ser pouco oneroso e bastante lucrativo, e portanto um emprego bom e commodo. De certo sabe o que quer dizer tabellião ou escrivão?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Pois, minha Senhora, dos escrivães diz-se tanta cousa, e até na escripta não se falla bem delles ; porém hoje é um cargo honroso e mui importante ;

em todo caso não ha desarranjo algum em chamar-se um homem de escrivão ; que diz, Senhora D. Maria ?

MARIA, *asseverando.*

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Porém não era isto que eu queria dizer. Ha certos poetas que nos seus epigrammas se divertirão de tudo e de todos, e destes naturalmente tambem não escapárão os pobres escrivães ; entre estes ha um que diz :

Empobreceu todo bairro
Fabio com penna e cordão :
Foi quatro mezes letrado,
Quinze dias escrivão.

Conhece isto, minha Senhora ?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Isto está entre os epigrammas de Bocage ; não tem lido este escriptor ?

MARIA.

Não, Senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Talvez não lhe agrade o seu estylo ?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Logo vi, e nem podia ser de outro modo, porque é um poeta que, entre algumas cousas boas, escreveu muita cousa indecente. (*Aparte.*) É uma rapariga muito bem educada, logo se conhece por sua conversação espirituosa. (*Alto.*) Além do meu rendimento, como tabellião, tenho a minha fazendola, aonde crio o meu gado bonito e gordo, que amo por ser minha propria criação. Como é bello o meu rebanho naquelles prados cheios de flôres e pequenas restingas, formando os sitios os mais formosos, cortados por pequenos regatos, que correm serenos entre as suas margens bordadas das mais bellas flôres. Mas todavia,

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que vivo de guardar alheio gado ;
De tosco trato, de expressões grosseiro
Dos frios gelos e dos sóes queimado,
Tenho proprio casal e nelle assisto.

Pobre do Gonzaga ! amou tanto e foi tão infeliz nos seus amores . . . . Mas, como ia dizendo, sou um homem sem vicio, sómente tenho uma paixão, que é ouvir o toque dos sinos, e a este respeito nada me satisfaz mais do que os de Botucatú, que, na minha opinião, são os melhores desta provincia, e talvez do imperio todo. Oh ! elles tem um som, que alegra a alma em ouvi-los.

MARIA, *interrogando.*

Não?

JOSÉ BERNARDES, *enthusiasmado.*

Sim, senhora. (*Canta*)

(*Canon.*)

O sino sim
É para mim
A corda mais sensivel
Que geme assim:

Bim, bim, bim, bim, bim, bim, bim, bim,
Bim, bim, bim, bim, bim, bim, bim, bim,

DOUTOR, *na porta.*

Se não vae
E logo sahe
De junto do meu anjo,
Meu coração
Tocar-lhe como um damnado
E deixa-lo bem sovado.

(É esta parte cantada só por estes dous.)

SCENA VII.

MAJOR, *entra pela porta do fundo sem ser reparado, ficando na porta só emquanto cantão.*

Oh! Está aqui o José Bernardes! já com a mão á obra; está-lhe fazendo a côrte! Muito bem! será prudente que me vá ausentando á sordina para não interrompê-los.

(Quer retirar-se, mas pára na porta).

JOSÉ BERNARDES, *canta só.*

Creio, pois,
Como dois
Governo eu o sino.

MARIA, *canta.*

Não, senhor
José Bernardes.
Bim bim, bim bim, bim bim, bim bim,
Bim bim, bim bim, bim bim, bim bim.

DOUTOR.

Tocar-lhe como um damnado
E deixa-lo bem sovado.

MAJOR, *no fundo perto da porta.*

Ei-la já
Lá está.
Cantando mui contente
Contente, sim.
Bim bim, bim bim, bim bim, bim bim,
Bim bim, bim bim, bim bim, bim bim.

MAJOR.

Que aproveite a sua estrella;
Vou safar-me; deixo-o com ella.

TODOS JUNTOS.

José Bernardes,
O sino, sim,
É para mim
A corda mais sensivel.
Etc.

MARIA.

Não, não, não,
Não, não, não,
Não, não, não, não, não, não, não, não,
Não, não, não,
Não, não, não, não, não, não, não, não,
Não, não, não, não, não, não.

DOUTOR.

Se não vae
E logo sahe
De junto de meu anjo,
Meu coração,
Tocar-lhe, etc.

MAJOR.

Ei-lo já
Lá está
Cantando mui contente,
Contente, sim.
Que aproveite a sua estrella;
Vou safar-me; deixo-o com ella.

SCENA VIII.

JOSÉ BERNARDES, MARIA E O DR. LUIZ, *no mesmo lugar.*

JOSÉ BERNARDES.

Segundo me parece, Sra. D. Maria, não é muito apaixonada por sinos.

MARIA, *com horror.*

Não!

JOSÉ BERNARDES.

Que pena! entretanto é cousa com que facilmente me conformarei, comtanto que goste cá deste seu criado.... Sim, minha senhora, Vm. me olha um tanto espantada, porém é assim mesmo.... e porque não hei de concluir agora a minha pretenção, depois de tudo quanto tem ouvido a meu respeito? Sim, senhora, eu lhe amo! amo-lhe com desespero; eu sou um namorado perdido.

MARIA, *com uma explosão de admiração.*

Não, senhor!

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhora; é sem tirar nem pôr a pura verdade. Agora me animo a fazer-lhe a minha ultima e decisiva pergunta. Sra. D. Maria, aqui estou eu como me vê; meu emprego e meu rendimento já conhece; assim estou feito, assim estou arranjado e assim ando vestido.... Ha de perdoar-me fallar-lhe no vestuario, pois é uma consideração de não pequena importancia....

DOUTOR LUIZ, *só.*

Ah! mitra; está intimando com o alheio!

JOSÉ BERNARDES, *continuando e formalisando-se.*

Á vista disto quer a senhora felicitar-me concedendo-me a sua mão e inapreciavel coração? O que me responde a isto?

MARIA.

Não.

DOUTOR, *só.*

Ahi veio a palavrinha bem a tempo.

JOSÉ BERNARDES.

Má resposta foi esta.... Porém a senhora ri-se; isto me consola, porque estou certo que não fallou seriamente.

MARIA, *com malicia.*

Não, senhor!

DOUTOR, *só,*

Com todos os diabos! O negocio vai mal.

JOSÉ BERNARDES.

Graças a Deos; é o que esperava. Posso, portanto, nutrir a esperança que....

MARIA, *interrompendo-o.*

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

O que diz? Para fallar a verdade, não lhe comprehendo.... Ah! já sei; está outra vez gracejando; logo vi. Ah! minha senhora; peço-lhe encarecidamente que não pronuncie mais semelhante palavra. Farei com que a resposta se lhe torne mais facil; eu mesmo vou agora dirigi-la. Vamos então: *s*, *i* e *m* diz portanto?

MARIA.

Não.

JOSÉ BERNARDES.

Está enganada; estas tres letras dizem — sim.— (*Só*). Póde-se até desconfiar que nem sabe lêr. (*Canta*)

Oh! nesta terra
Vai tudo á mingoa,
Que a propria lingua
Nem sabe mais!
Dizendo, emfim,
Um *não* por *sim!*
Pois olha; um *n*, *ã* e *o* faz

MARIA.

Não.

JOSÉ BERNARDES.

Talvez Vm. prefira escrever com *s* e *i* só?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

A moda de hoje
Não me entra á porta;
Nada me importa
Do que ella traz,
Digo sincero
Que um som tão fero
Não sei se o *n*, *ã* e *o* faz

MARIA.

Não.

JOSÉ BERNARDES.

Porém não era isto que eu queria dizer; talvez não me comprehenda.

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Ah! não consinto,
Anjo perfeito,
Que deste peito
Tu zombes mais;
Tu ris de mim,
Dizendo assim
Que um *n*, *ã* e *o* faz

MARIA.

Não.

JOSÉ BERNARDES.

Muito bem; agora já sei que sabe soletrar; não carece mais provar. Ora vamos experimentar com uma outra palavrinha.

Responde, ó bella,
Se para marido
Leal e fiel
Tomar-me vais:
Direi, emfim,
Gostas de mim?
Responde agora se um *s*, *i* e *m* faz....

MARIA.

Não.

JOSÉ BERNARDES.

O que será isto? Pois *s*, *i* e *m* diz *não?*

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Ah! já sei; é, portanto, resposta á minha pergunta? Vm. cala-se.... consente, portanto, na minha suspeita! Não me quer, pelo que vejo?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

De maneira alguma?

MARIA.

Não, senhor.

JOSÉ BERNAEDES.

Está muito bonito; não ha duvida! Mas, veja lá; não me ponha louco, não me leve ao desespero!

MARIA, *asseverando.*

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Veja lá, Sra. D. Maria; Vm. falla como quem quer dizer: « Não tem perigo »; porém engana-se; sou por natureza um homem de um genio furioso; sou um homem damnado perdendo as estribeiras.

MARIA, *como quem duvida.*

Não, senhor.

JOSÉ BERNARDES.

Não me duvide, minha senhora! Ah! quem me déra estar agora em Botucatú! (*Canta*)

Volto, pois á minha terra
Ardendo em louco furor;
A tudo que o mundo encerra
Medonho voto o rancor!
Botucatú desgraçado
Vai ser tudo arrazado
Por sua culpa e peccado;
Responda: não dá-me amor?

MARIA.

Não! não! não! não! não! não! não!
Não! não! não! não! não! não! não!

JOSÉ BERNARDES.

Botucatú, por seu grado,
Vai ser de todo arrazado!

DOUTOR.

De insania furia tomado
É bem elle um desgraçado!

JOSÉ BERNARDES.

Vou quebrar todos os sinos,
Em cacos tudo vou pôr;
Aos animaes pequeninos,
Ao sitio, á cria ao pastor!
Depois de tudo acabado,

N'um grosso tronco elevado
Hão de ir achar-me enforcado;
Emfim, não dá-me o amor?

MARIA.

Não! não! não! não! não! não! não!
Não! não! não! não! não! não! não!
(Retira-se.)

JOSÉ BERNARDES.

Basta, pois, de ser zombado,
De ser tolo e injuriado!

DOUTOR.

Safa! que é tudo ultimado,
Respostas mais é escusado!

SCENA IX.

JOSÉ BERNARDES E O DR. LUIZ.

DOUTOR, *vem correndo com a casaca velha de José Bernardes na mão.*

Faça o favor de dar-me a minha casaca; não posso esperar nem um momento.

(Tira o chambre e lança-o sobre a cadeira no fundo.)

JOSÉ BERNARDES, *tira a casaca e entrega-a zangado.*

Que leve o diabo!

DOUTOR, *vestindo-a.*

É na realidade um agradecimento muito civil do emprestimo.

JOSÉ BERNARDES, *vestindo a sua casaca velha.*

Para que me servio? só para levar taboa!

DOUTOR.

É justamente para que está feita. Vou agora já e já á casa da minha prima para ter o mesmo resultado, isto é, levar taboa.

(Vai buscar o chapéo e bengala no seu quarto.)

JOSÉ BERNARDES.

Antes eu tivesse ficado com a minha véste velha. *(Para o Doutor que volta).* Escuta, Doutor; sabe o que mais me incommoda e zanga em todo este negocio? É que na realidade a D. Maria é uma menina muito interessante, de muito espirito; uma moça, emfim, de uma educação perfeita.

DOUTOR.

Deveras? Mas, diga-me, como pôde conhecer isto?

JOSÉ BERNARDES.

Ora, ora, esta é boa! Como se conhece estas cousas? Naturalmente pela conversação espirituosa.

DOUTOR.

Ah! então achou a sua conversação espirituosa? A menina pareceu bem monotona.

JOSÉ BERNARDES, *empurrando-o com a mão.*

Ora, vá-te embora.... parece-te, esta é boa.... então tu ouviste a nossa conversação?

DOUTOR.

Não podia deixar de ouvi-la; a parede entre esta sala e meu aposento é muito fina.

JOSÉ BERNARDES.

Mas, como poderia nossa conversação lhe parecer monotona?

DOUTOR.

Mas, emfim, pareceu-me.

JOSÉ BERNARDES.

Nossa conversação versou sobre uma diversidade de objectos.

DOUTOR.

Póde ser, não contesto; mas, todavia, não me pareceu a conversação della muito eloquente.

JOSÉ BERNARDES.

Pelo contrario! ella fallou com um interesse, uma vivacidade, e juizo....

DOUTOR.

Homem, para ser franco, diga-me: o senhor ouvio sahir da sua boca mais do que uma unica palavra?

JOSÉ BERNARDES.

Que asneira será agora esta? Não fallei com ella um tempo immenso?

DOUTOR.

Sim, senhor, eu acredito mesmo que ella repetio esta mesma palavrinha mais de cem vezes; porém, não ouvi outras.

JOSÉ BERNARDES.

Mas, diga-me, que palavra era esta?

DOUTOR.

Com effeito, é forte! Não póde conservar em memoria esta palavra, depois de ter ouvido repeti-la um sem numero de vezes? Neste caso o considero mais surdo do que o surdo dos surdos.

JOSÉ BERNARDES.

Deixa-te de prosa; não sou mais surdo do que costuma ser um official velho de artilharia.

DOUTOR.

Mas não reparou que durante toda a conversação, ella só servio-se da palavra *não*?

JOSÉ BERNARDES, *desconfiado.*

O que está dizendo?

DOUTOR.

É o que lhe digo.

JOSÉ BERNARDES.

Pois assevero-lhe que não reparei. Porém agora, á vista da sua observação, parece-me quasi.... Ao menos vou-me lembrando, que esta palavrinha foi mui repetidamente encaixada na conversação.

DOUTOR.

Adeos, Sr. tenente, preciso retirar-me, e minha prima está me esperando. (*Quer sahir.*)

JOSÉ BERNARDES.

Escute, espere, diga-me sómente o que pensa o senhor; que teve em vista com este seu procedimento singular?

DOUTOR.

Adeos, meu amigo, não posso me demorar. D'aqui a pouco estarei de volta, e então dar-lhe-hei todos os esclarecimentos que desejar; não se impaciente, minha prima mora ahi perto. (*Sahe apressadamente pela porta do fundo.*)

SCENA X.

JOSÉ BERNARDES, *só.*

Com todos os diabos, a sujeitinha divertio-se á minha custa; não resta duvida.... Coitado do José Bernardes! o que fazer? não vale a pena zangar-se tanto. Para fallar a verdade, não sei porque me enraiveci tanto, só porque ella não quer casar comigo; não merecia a pena ficar furioso; o melhor que agora posso fazer, é safar-me quanto antes de S. Paulo.

SCENA XI.

JOSÉ BERNARDES. O MAJOR ANASTACIO
entra pela porta do fundo.

MAJOR.

Ah! bons dias, bons dias! Seja bem vindo, meu caro tenente José Bernardes; seja bem vindo em S. Paulo! Quando chegou?

JOSÉ BERNARDES.

Hoje de manhã, Sr. major.

MAJOR.

Muito bem! Estimo muito que tenha procurado logo a nossa casa. (*Mais baixo.*) Diga-me, já vio a sobrinha?

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhor, via.

MAJOR.

E fallou com ella?

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhor, não posso negar, fallei.

MAJOR.

Bravo. bravo, muito bem! E então, o que lhe disse ella?

JOSÉ BERNARDES.

Homem.... o que ella me disse não foi lá grande cousa.

MAJOR.

Não faça caso; meu amigo sabe que as moças nestas occasiões são de poucas palavras.

JOSÉ BERNARDES.

Sim, Sr. major, não ha mesmo precisão de muitas palavras, comtanto que estas sejão bem claras.

MAJOR.

Isto é verdade, meu amigo; e a este respeito espero que Vm. não terá motivo de queixar-se.

JOSÉ BERNARDES.

Não, senhor, por maneira alguma.

MAJOR.

Muito bem; porém, conte-me ligeiro, estou sobre brazas; já estão concordes?

JOSÉ BERNARDES.

Não, senhor, isto não.

MAJOR.

De veras? mas o que lhe disse ella?

JOSÉ BERNARDES.

Ella respondeu-me—não.

MAJOR.

A respeito da sua pretenção?

JOSÉ BERNARDES.

Tanto a isto como a tudo o mais que eu lhe dizia.

MAJOR.

O que será isto? pois é possivel que lhe respondesse *não* a tudo?

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhor, assim é. Ella estava tão afflicta a desencaixar o seu *não*, que não se servio de outra palavra; eu estou, que se lhe tivesse dito que branco é preto, ella teria respondido, não.

MAJOR.

Mas nesse caso, não teria sido tão despropositada.

JOSÉ BERNARDES.

Enganei-me; queria dizer, que se eu lhe tivesse dito que branco não é preto....

MAJOR.

Mesmo ahi parece-me que lhe podia responder que não.

JOSÉ BERNARDES.

Não, senhor; porém estou perturbado, não era isto que queria dizer. Mas o caso é este, se eu tivesse afirmado, que branco é branco, e preto é preto....

MAJOR.

Julga o senhor, que ella lhe teria respondido, não?

JOSÉ BERNARDES.

Sou capaz de jurar, que sim, visto que ella mais de cem vezes me dava invariavelmente em troco de tudo que lhe dizia, esta palavrinha, *não*.

MAJOR.

Mas que historias são estas? neste caso debicou-lhe a sujeitinha, solemnemente.

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhor, isso occorreu-me depois.

MAJOR.

É um desaforo, receber deste modo um amigo meu em minha casa. Espere um pouco, deixe-me fallar com essa desavergonhada; e logo lhe mostrarei uma mudança radical.

JOSÉ BERNARDES.

Isso não, Sr. major; queria mesmo pedir-lhe o favor de não fazer barulho. Sinto não poder ligar-me á sua familia, mas ao mesmo tempo aprecio a franqueza da menina, e tomei o meu partido. Ella não se agradou de minha pessoa, fez pois muito bem em despachar-me. Já abandonei todas as minhas pretenções, e estou prompto para voltar immediatamente a Botucatú, e ficaremos sempre amigos como d'antes.

MAJOR.

Jámais consentirei que Vm. parta d'aqui, depois de ter soffrido semelhante desfeita, sem ter recebido a mais completa satisfação. Ella lhe ha de pedir perdão, um perdão formal, e dar-lhe todas as explicações que desejar. Se ella lhe pregou taboa, é porque talvez algum sujeitinho ande mettido no meio. Tenho já minhas desconfianças a respeito de um certo pelintra que está de emboscada. Agora deixe-me fazer o que entender.... vou chamar a sujeita.

JOSÉ BERNARDES.

Não, Sr. major; eu lhe peço, isto está acabado! tenho muito medo destas scenas domesticas.

MAJOR.

Medo, de que? O senhor tem medo?

JOSÉ BERNARDES.

Medo, não digo, porém....

MAJOR.

Ouça-me! seja um homem prudente e tome juizo! onde se vio um homem intimidar-se pelos caprichos de uma rapariga? O senhor, que é um militar velho, homem intelligente, ha de recuar diante de uma moça?

JOSÉ BERNARDES.

Sim, senhor, eu cedo: a tal menina é superior ao meu animo e á minha intelligencia.

MAJOR.

Já vejo que o meu amigo tem muito pouca fé em si; vou portanto tomar conta dos seus negocios e escorar-lhe, tornar-me seu tutor, como já o sou da minha sobrinha. Queira agora ter a bondade de esperar um pouco, e mostrar-lhe-hei que sou senhor do meu nariz e da minha casa. (*Chama, pela porta.*) Oh! Maria, faça favor!

SCENA XII.

OS ANTERIORES E MARIA.

MAJOR.

Venha cá, senhora! Diga-me, com que direito a senhora tratou este meu amigo, de uma maneira tão inqualificavel?

MARIA.

Este homem? De que maneira o tratei então?

MAJOR.

Pois esta é boa, é justamente o que desejo que Vm. me conte.

MARIA.

Não o comprehendo, meu tio! Nunca vi este homem na minha vida, senão neste momento.

JOSÉ BERNARDES, *só*.

Ui! Como sabe mentir, como se fosse um jornal!

MAJOR.

O que está dizendo? Nunca o vio? Pensa Vm. que ha de me pregar tambem alguma?

MARIA, *depois de ter contemplado José Bernardes.*

Ah! perdôe, senhor. Agora vejo, é o senhor tabellião de Botucatú.

MAJOR.

Ah! já está lhe voltando a memoria!

JOSÉ BERNARDES, *só.*

Sempre lhe cahirão as cataratas.

MARIA.

Mas, meu Deos, não é possivel reconhecê-lo. Que mudança! o que lhe aconteceu senhor tenente?

JOSÉ BERNARDES.

A mim?

MAJOR.

A elle?

MARIA.

Não sei; mas V. S. está inteiramente mudado... Ah! agora já sei, já sei, mudou de casaca.

MAJOR.

Homem, é verdade, mudou mesmo.

JOSÉ BERNARDES.

Um! só isto?

MARIA.

Só isto? O vestuario é de muita importancia....

JOSÉ BERNARDES.

Era minha casaca de pretendente com que estava. Agora não tenho mais motivo de estraga-la.

MAJOR.

A roupa não vem nada ao caso! Pergunto eu, agora sou intromettido, porque motivo caçoou com este meu respeitavel amigo?

MARIA.

Eu, meu tio?

MAJOR.

Com effeito, que santinha! Vamos, Vm. não disse a elle mais de cem vezes: Não? Respondendo *não* a tudo quanto lhe dizia e perguntava?

MARIA.

Eu meu tio? não sei disso.

MAJOR.

Pois neste caso sei eu; estás me aqui pregando carapetões. Sei muito bem d'onde vem o vento e quem está lhe transtornando os miolos. É este pelintra, esta fresca rôlha que mora aqui, autor de

todas estas desordens ; anda te enganando, adulando-te, e tu és bastante tôla para fiar-te nas suas palavras doces.

MARIA.

Como, meu tio ? como póde pensar semelhante cousa.

MAJOR.

Cala-te.

JOSÉ BERNARDES, *só*.

Dr. Luiz ! será possivel !

MAJOR.

Porém estejão certos, desenganem-se vocês, nunca, nunca se casaráõ! Elle não possue vintem, só se elle casar com sua prima, segundo o desejo do seu pai ; porém o sujeitinho não quer saber disso, e nem se elle quizesse em todo caso não era seu. Mas, ouça-me agora, não o quero mais em casa, faça-o despejar o becco, e que vá se pondo de muda ; tenho, além disso, toda razão para enxotá-lo da casa, porque hoje é o 1° do mez, e elle até esta hora ainda não me pagou, segundo o nosso trato, o aluguel da casa.

MARIA.

Mas, meu tio, ainda não deu meio dia, póde pagar ainda.

MAJOR.

Não senhora, taes negocios tratão-se de manhã cedo ; um inquilino que falta com o seu dever logo no primeiro mez, nunca paga.

JOSÉ BERNARDES.

Neste caso, perdôe que lhe diga, parece-me que o Sr. Major é um tanto injusto para com o Sr. Dr. Luiz. Para fallar a verdade, sei que tem muita ordem nos seus negocios, e tambem no que diz respeito a dinheiro.

MAJOR.

Faltava agora só isto! Está defendendo o homem!

JOSÉ BERNARDES, *tendo-se approximado á janella.*

Eis ahi, elle vem vindo. Ora, com effeito, como vem filando pela rua abaixo e em direitura para casa. Adeos, adeos, temos o caldo entornado.

MAJOR.

Está direito, que venha, que entre, eu o farei sahir!... Bravo, bravissimo! occorreu-me uma idéa excellente! Maria fica aqui para recebê-lo; Sr. José Bernardes e eu entramos neste quarto e escutaremos a conversação delles. (*Para Maria.*) Tome agora bem sentido no que lhe ordeno, minha senhora: a tudo que lhe disser e perguntar, responda, não, não, e sempre não, e Deos a livre se não responder a tudo com o seu engraçado *não* senhor; eu mesmo quero agora ter o gostinho de ouvir com os meus proprios ouvidos se é verdade que maneja com tanta habilidade esta palavrinha.

MARIA.

Mas, meu tio...

MAJOR.

Bico callado, assim o quero ; a nada cedo, portanto faça o que lhe mando. E se lhe disser uma unica palavra sem ser o seu celebre *não*, conte comigo ; salto e quebro-lhe a cabeça.

JOSÉ BERNARDES.

Oh Sr. Major ! não vale a pena ; eu arreio bandeira.

MAJOR, *zangado.*

Cale-se ! O senhor é um banana ! eu assim o quero... Ahi vem elle ; vamos, Sr. tenente.

(Puxa José Bernardes pelo braço para o quarto do lado esquerdo).

SCENA XIII.

MARIA, o MAJOR, E JOSÉ BERNARDES (*no quarto do lado esquerdo, conservando elles a porta entre-aberta para espreitar.* O DR. LUIZ *entra subitamente pela porta do fundo sem reparar na presença de Maria.*)

DOUTOR, *canta.*

Viva amor, viva a folia,
Para mim tudo é folgar;
Seja eterna esta alegria,
Não m'a roube um só pezar.
É minha a victoria
Tra, la, la, la,
Corôa-me a gloria
Hurrah ! hurrah !

É meu triumpho completo,
Não me assusta nada mais,
De riso e gozo repleto,
Findárão meus ternos ais.

É minha a victoria,
Tra, la, la, la,
Corôa-me a gloria
Hurrah ! hurrah!

(Descobre Maria).

Hurrah ! hurrah pela vida !
Cantemos, bella Maria,
Vem a meus braços querida,
Gozar da minha alegria,

É minha alegria
Tra, la, la, la
Corôa-me a gloria
Hurrah! hurrah !

De certo, Sra. D. Maria, estranha a minha excessiva alegria, o meu disparatado prazer não cabe mais de contente. Mas Vm. não sabe que felicidade tem me acontecido; será capaz de adivinhar o que será a causa desta minha alegria ?

MARIA.

Não, senhor !

DOUTOR.

De ora em diante posso lhe fallar com toda liberdade ; agora sim, sou superior a todas as duvidas, a todo o temor ; nenhum obstaculo mais se offerece.... caso possa suppor que nós nos comprehendemos, quem sabe, Maria, estarei em erro, não lhe terei comprehendido ?

MARIA.

Não, senhor !

DOUTOR.

Ah ! sou agora o homem mais feliz do mundo ! Não é assim ? Ninguem é mais feliz ! Minha Maria, não ama a outro ?

MARIA.

Não, senhor!

DOUTOR. *de joelhos.*

Pondo agora o meu coração a seus pés, jurando-lhe um amor, uma fidelidade eterna, não duvidará da sinceridade das minhas palavras?

MARIA.

Não.

DOUTOR.

Não responderá asperamente?

MARIA.

Não.

DOUTOR.

Não me virará as costas?

MARIA.

Não.

DOUTOR.

Não me negará a sua mão?

MARIA.

Não.

DOUTOR.

Não se arrependerá deste seu voto solemne?

MARIA.

Não.

DOUTOR.

Nunca deixará de amar-me emfim?

MARIA.

Não.

(O major e José Bernardes vêm correndo do quarto, pondo-se o major entre os dous, emquanto José Bernardes se segura com as duas mãos sobre as costas de uma cadeira, dando gargalhadas de contente.)

MAJOR.

Stop, stop, basta, basta!

DR. LUIZ, *levantando-se.*

Que vejo!

MAJOR, *furioso contra Maria.*

Muito obrigado, muito obrigado! que menina obediente! merece emfim os maiores elogios.

MARIA.

Mas, meu tio vosmecê mesmo ordenou-me de responder só e só com um não e sempre não.

MAJOR.

Sim, senhora, e admiro a pontualidade com que executou as minhas ordens.

MARIA.

Pois que remedio, meu tio! senão saltava e quebrava-me a cabeça.

MAJOR.

Sim! e quem lhe disse que não venho com a mesma intenção, mesmo por sua excessiva pontualidade?

MARIA.

Isto seria contra toda a lei e direito.

DOUTOR. *admirado.*

Porém, o que quer dizer esta ordem? Seria para a Sra. D. Maria responder-me não!

JOSÉ BERNARDES, *muito alegre e dando risadas.*

Boa, muito boa, não ouviste, doutor, que ella te respondeu — não — para tudo que lhe disseste? Sempre não e nada mais.

DOUTOR.

Não reparei.

JOSÉ BERNARDES.

Então estás mais surdo do que os surdos dos surdos.

DOUTOR.

Seja como fôr! Visto que os dous senhores estão scientes da nossa conversação, devem ter reparado que a D. Maria com todos estes *Não* me deu a sua mão.

MAJOR.

Devagar! tambem eu tenho aqui um voto na materia. Em primeiro lugar tenho de pedir a V. S. o favor de procurar uma outra casa; não posso consenti-lo por mais tempo em minha casa.

DOUTOR.

Como, Sr. Major! V. S. põe-me na rua?

MAJOR.

Não se zangue, Sr. Doutor, sou senhor da minha casa, além disso faltou com o contracto, não tem pago o aluguel.

DOUTOR.

Os dezeseis mil réis? só isto? Estou certo que este meu amigo velho, o Sr. tenente José Bernardes, com toda a bondade que o caracterisa, paga esta bagatela por mim.

JOSÉ BERNARDES.

Dezeseis mil réis? Sim, senhor, está na ordem, Sr. major, eu os pago; sou devedor do Sr. Dr. Luiz Pereira.

MAJOR.

Não importa! Não é aqui onde está o busilis. Porém, em segundo lugar. Sr. Doutor, tenho de fazer-lhe sciente que a minha sobrinha em tempo algum jámais ha de ser sua mulher: ella está destinada para o Sr. tenente José Bernardes.

JOSÉ BERNARDES.

Perdôe, senhor, permitta que lhe diga! Pelo que me diz respeito, não pretendo servir de estorvo á felicidade do meu amigo velho e discipulo.

MAJOR.

Calai-vos; ninguem pedio o vosso conselho. . .

JOSÉ BERNARDES.

Parecia-me que o meu voto devia neste negocio ter algum peso.

DOUTOR.

Tranquillisai-vos, meu amigo, já vou pôr tudo em pratos limpos.

MAJOR, *com certa raiva mal disfarçada.*

De veras? Estou ficando curioso, afflicto mesmo de ver como V. S. arranja isso.

DOUTOR.

Vou-lhe dizer, Sr. Major, *primo*, que sua sobrinha necessariamente ha de ser minha mulher; *secundo*, que por todos os motivos será minha mulher; *tertio*, que por força, isto é, por direito de conquista, tem de ser minha mulher.

MAJOR, *perdendo a paciencia.*

Senhor, sabe o que mais...

DOUTOR.

E finalmente, *quarto*, que V. S. mesmo ha de dar seu consentimento á nossa união.

MAJOR, *com impaciencia.*

A respeito deste ultimo ponto desejava ter alguma explicação. Com que o senhor pretende extorquir-me um consentimento que em tempo algum sou capaz...

DOUTOR.

Com tres letras.

MAJOR.

Com tres letras? Posso ouvi-las?

DOUTOR.

Sim, senhor, até vê-las. (*Tira uma immensa carta da algibeira*). Estive neste momento com minha prima, afim de pedir a sua mão, segundo o desejo de meu pai. Ella sabia que eu ia com esta pretenção, porque eu já de antemão lhe havia pedido o favor de me responder com um sim, ou com um não. Chegando lá, e pedindo para ter uma entrevista com ella, soube, com não pequena sorpreza, e ainda maior satisfação, que tinha ido á freguezia da Consolação com o seu noivo para casar-se.

TODOS.

Para casar-se?

DOUTOR.

Sim, senhor, foi este o recado que recebi. Mas, como sabia da minha vinda, tinha ella deixado esta carta magna e respeitavel para me ser entregue. Queira V. S. ter a bondade de lê-la. (*Entrega a carta ao Major, que a abre e põe distante dos olhos*).

MAJOR.

Nada vejo, nem uma só letra.

DOUTOR.

É muito perto, Sr. Major.

MAJOR, *afastando-a sempre mais.*

Ainda nada vejo ; nem assim nada percebo.

DOUTOR.

Ainda está muito perto.

MAJOR, *impaciente.*

Que diabo de escripto será este. (*Para José Bernardes*). Faça favor pegar neste papel por mim. (*José Bernardes o segura*) Mais longe ! mais ! ainda mais ! até onde possa chegar.

(José Bernardes retira-se até o fundo da scena, segurando sempre com as duas mãos o papel em que se lê a palavra — *Não* — escripta com letras muito grandes).

MAJOR, *com certa amabilidade e cortezia.*

Agora sim ; agora vejo um grande — Não. Mas, que mais ? Ella lhe respondendo *não*, indo casar-se com outro, nada tem de estranhavel.

DOUTOR.

Mais um momento de paciencia, Sr. Major ! (*Tira uma outra carta de um formato ordinario*). Depois de ter lido aquelle documento que, segundo a minha exigencia, sómente continha esta palavra, quiz retirar-me; porém no mesmo momento entregou-me um escravo esta carta menor como um supplemento á outra. Nesta a minha prima me participa, que se admira eu ter tido a louca esperança de receber della um sim....

MAJOR, *com certa affabilidade.*

Isto é muito lisongeiro.

DOUTOR.

E como prova disso, communica-me que ha mais de seis mezes tem o seu casamento tratado, e que hoje foi á Consolação para casar-se perante o padre Valladão, que é um amigo particular do seu futuro marido, e como, portanto, em cumprimento do teor do testamento tem de repartir a fortuna que o meu tio nos deixou, convida-me para uma entrevista a este respeito.

MAJOR, *cada vez mais cortez.*

O que estou ouvindo!

JOSÉ BERNARDES.

Na verdade, tenho com esta noticia uma grande satisfação. A fortuna te acompanha, meu bom amigo e discipulo, mas ninguem a merece mais, ninguem neste mundo é tambem mais digno disso.

DOUTOR.

Vê, Sr. Major, isto é a explicação exigida a respeito do quarto ponto.

MAJOR.

Que quarto ponto, Sr. doutor?

DOUTOR.

Talvez V. S. não se recorde mais....

MAJOR.

Confesso que estou um pouco confuso...

DOUTOR, *canta:*

A sua licença agora
É o quarto, bem vê,
Que se ella quer-me deveras (*aponta para Maria*)
Mui grande cousa não é.
Todavia eu não dispenso,
Pois tenho bastante fé,
Que um tio sabio e tão bom
Não me ha de responder — não!

TODOS.

Que um tio sabio e tão bom
Não lhe ha de responder — não!

MAJOR.

Os meus desejos sinceros
Quaes devem ser neste dia?
Podeis casar-vos, por certo,
Se vos adora Maria;
Pois dou-vos minha licença
Com grande, summa alegria,
Só tendo morta a razão
Poderá dizer-vos — não!

TODOS.

Só tendo morta a razão
Poderá dizer-vos — não!

JOSÉ BERNARDES.

Cheguei a esta cidade
P'ra pôr-me a moda e casar,
Solteiro e em tudo qual d'antes
Meu sino volto a escutar.

Botucatú é tão bello!
Vou cedo p'ra lá tornar;
Precisão lá do escrivão,
Não me hão de responder — não!

TODOS.

Precisão lá do escrivão,
Não lhe hão de responder — não!

MARIA, *ao publico.*

Caso-me pois com quem amo;
Eu vou partir, meus senhores:
Só sinto deixar São Paulo
Onde só gozão-se amores!
Se á minha fazenda um dia
Chegardes, por taes favores
Naquelle humilde sertão
Não hei de dar-vos um — não!

TODOS.

É terno o seu coração:
Não ha de dar-vos um — não!

FIM.

Rio de Janeiro. — Typographia Universal de Laemmert,
rua dos Invalidos, 61 B.

001136